

Literatura nacional e transformação social: a influência de autoras afro-brasileiras

National literature and social transformation: the influence of Afro-Brazilian authors

Submetido em: 09/09/2024

Aceito em: 10/10/2024

Amanda Reis Gonçalves de Souza¹
Maria Eduarda do Nascimento Bravo do Valle²
Josué Borges de Araújo Godinho³

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar estudos pautados na concepção de mulheres negras como representantes da literatura afro-feminina brasileira. Através de suas obras e visão letrada de seus períodos históricos e sociais correspondentes, foram possibilitadas para além de expor e romper a conjuntura estereotipada dos papéis femininos determinados por ideais patriarcais, isto é, puderam reconfigurar estes parâmetros sociais fazendo uso de sua escrita como elemento transformador de sua figura enquanto pertencentes ao gênero feminino e realidade socioeconômica, por meio de novas construções de identidade e ascensão de heranças ancestrais. A fim de investigar a escrita dessas representantes, esta análise empreendeu uma abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica, com base nas obras *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e *Olhos D'água* de Conceição Evaristo. Como resultado, contata-se que a literatura afro-brasileira feminina é efetiva como fenômeno de transformação social, uma vez que estas autoras ao demonstrarem suas faces como escritoras e protagonistas própria narrativa, sendo negras e consideradas inaptas ao exercício da escrita, conseguiram reconstruir o tecido cultural e literário afrodescendente perdido e excluído ao longo dos anos.

Palavras-chave: Mulher afro-brasileira; Literatura; transformação social.

Abstract: The aim of this article is to present studies based on the concept of black women as representatives of Brazilian Afro-feminine literature. Through their works and literary vision of their corresponding historical and social periods, they were able to not only expose and break the stereotyped conjuncture of female roles determined by patriarchal ideals, but they were also able to reconfigure these social parameters by using their writing as a transformative element of their figure as belonging to the female gender and socio-economic reality, through new constructions of identity and the rise of ancestral heritages. In order to investigate the writing of these representatives, this analysis used a qualitative approach and bibliographical research, based on the works *Úrsula* by Maria Firmina dos Reis and *Olhos D'água* by Conceição Evaristo. The result is that Afro-Brazilian women's literature is effective as a phenomenon of social transformation, since these authors, by showing their faces as writers and protagonists of their own narratives, being black and considered unfit to write, have managed to rebuild the cultural and literary fabric of Afro-descendants that has been lost and excluded over the years.

Keywords: Afro-Brazilian women; literature; social transformation.

Introdução

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Carangola. E-mail: amandargsouza@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4441192510002863>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-8121-5235>.

² Graduanda em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Carangola. E-mail: eduardanbravo@outlook.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2230013466879687>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7749-9970>.

³ Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Acadêmica Ibirité. E-mail: josuebagodinho@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9097280370535558>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4770-6759>.

A princípio, antes de delatar as fundamentações dos processos que envolvem a eclosão da literatura feminina no Brasil, faz-se necessário classificar sua concepção. Segundo Antonio Candido (2000, p. 23) a Literatura é “[...] considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer notas dominantes duma fase”, e não obstante, esses denominadores relacionam-se não somente por particularidades interiores do sistema como a língua, seus temas e noções, envolvem fatores de incorporação social e psicológica que interferem diretamente na construção e organização orgânica da sociedade, de suas construções históricas. Desse modo, Candido (2000) conclui que entre essas condições que classificam um sistema literário e impulsionam a comunicação, ocorre a formação inter-humana denominada *literatura*. Conseqüentemente, desde o início do momento de consolidação da literatura brasileira (a começar com o desenvolvimento dos movimentos literários do arcadismo e romantismo, contendo-se no final do século XVIII) é perceptível que nenhuma figura negra enquanto escritora foi destaque ou sequer mencionada durante os processos de construção que envolve o Cânone Literário. Essa tentativa de omissão de negros escritores, principalmente mulheres, dar-se em consequência de diversificados fatores e principalmente em virtude do processo exploratório da escravidão e aos ideais patriarcais que denominam a submissão da mulher. Neste princípio, é possível observar que majoritariamente somente homens brancos – os denominados homens de letras – tiveram destaque em seus escritos, publicações e foram visibilizados pelo sistema literário, a literatura produzida em caráter afrodescendente foi deixada de lado e até mesmo abafada fora dos quilombos editoriais⁴.

Desta forma, a literatura negra surge como ruptura dessas normas socialmente estabelecidas. De modo geral, esse gênero literário emerge como um método de afirmação da identidade negra ainda durante o período escravagista, onde o negro coloca-se como figura central de suas narrativas e expõe o ponto de vista de suas próprias vivências, que anteriormente eram dominadas pelos anseios do poder branco. Essas determinações interferem diretamente no estabelecimento e afirmação da figura

⁴ A expressão “quilombos editoriais” fundamentada por Luiz Henrique de Oliveira (2018) com bases teóricas inspiradas no autor Henrique Cunha Junior, faz alusão a expansão das atividades editoriais de autoria negra. No início da propagação dessas publicações literárias, que romperam com a hegemonia branca existente dentro do campo literário brasileiro, essas publicações eram comprometidas de chegar aos seus leitores por conta da exclusão das escritas dos negros no mercado editorial por questões discriminatórias e raciais, em vista disso, a difusão destes escritos para o público-leitor concentrou-se em quilombos.

feminina, que luta arduamente contra a opressão sexista e busca por essa igualdade entre os gêneros, bem como sua igualdade social. Ao primeiro passo de construção deste estudo, consta-se que atualmente pouco se fala sobre as grandes escritoras afrodescendentes e suas grandes contribuições a sociedade vigente, uma vez que o Brasil é majoritariamente composto por pessoas pretas e que estas, estão constantemente sendo apagadas do meio literário ou inviabilizadas. Conforme essa evidenciação, observa-se o processo de formação do mercado editorial desta forma de escrita até a atualidade, fazendo a abordagem de duas obras marcantes de respeitáveis escritoras, sendo o romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis e o conto “Maria” incluído na obra *Olhos D’água* (2014) de Conceição Evaristo. Ao fazer uso de distintas obras, se define um panorama significativo, onde há a descrição de que forma estas escritoras apoiadas a realidade do seu tempo, conseguiram transpassar o seu olhar sobre a sociedade através do seu campo pessoal de experiências reais. E, como resultado, contribuíram ativamente na transformação desta.

Panorama Editorial: movimentos negros atuantes e produções editoriais negras

É notório que no acervo de literatura brasileira formada pelos cânones, a presença do negro como escritor de sua própria história é quase imperceptível, com poucos personagens, cenas ou histórias presentes no panorama social e literário. Inúmeros fatores contribuíram para que tal cenário fosse criado, como o contexto social em que os negros foram inseridos em um momento tão importante para a formação de uma identidade nacional.

Faz necessário destacar que a literatura canônica surgiu em um contexto de regime escravista, momento em que o pensamento social coletivo era controlado e influenciado exclusivamente pela cultura de cunho europeu, que se utilizava de meios preconceituosos para apagar quaisquer contribuições de grupos sociais minoritários, principalmente, os negros e indígenas. De acordo com os estudos realizados por Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Cristine Rodrigues (2016) para entender a dinâmica editorial que possibilitou o surgimento da literatura, deve-se compreender alguns fatos importantes.

Grande parte dos intelectuais e críticos da literatura defendem o uso do termo “literatura afro-brasileira”, e não “literatura negra” a fim de diferenciar a literatura que fala do negro estereotipado, e a escrita pelo negro, do seu ponto de vista. Destaca-se

então a importância da autoria do negro em tais obras, não só pela cor da pele, discursividade própria ou pela necessidade do posicionamento destes para a compreensão de aspectos sociais, históricos e culturais desse grupo, mas também formação de um público leitor que se identifique com a sua realidade e sensível às questões étnico-raciais, então neste trabalho, o termo utilizado será “literatura afro-brasileira”. No entanto, para que o autor negro de fato seja lido, deve atravessar o primeiro filtro, aquele do mercado editorial, como ainda apontam Luiz Henrique Silva de Oliveira e Fabiene Cristine Rodrigues (2016) através de apontamentos desenvolvidos por Cutti (2010) no artigo *Panorama editorial da Literatura Afro-Brasileira através dos gêneros romance e conto* de maneira que:

As editoras, por exemplo, têm o que chamam de "linha editorial", demarcadora dos parâmetros de suas exigências para os que nela procuram a publicação de seus escritos. Essa linha norteia a(s) mensagem(ns) a ser(em) veiculada(s) de forma impressa e em determinados formatos. Assim como existe a tal linha orientando o crivo (a escolha) entre os títulos a serem publicados ou não, também, posteriormente, haverá a seleção do que, estando disponível no mercado, deve receber o aval da publicidade ou da cumplicidade dos meios de comunicação e do Estado para redundar em leitura (Oliveira; Rodrigues, 2016, p.48-49).

É inegável o impacto que as grandes editoras têm sobre a circulação e o discurso que essas obras carregam. Segundo Roger Bastide (1973), os jornais publicados a partir das décadas finais de mil oitocentos brasileiros procuravam agrupar os homens negros dando-lhes senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra a inferioridade superestimando seus valores, além de exaltarem a importância de seus eventos e agremiações sociais. Esse pensamento prossegue até as duas primeiras décadas do século XX. Assim, em meados do século XIX e início do século XX, atendendo às reivindicações dos movimentos negros, a Imprensa Negra Paulista se solidifica como ferramenta de luta pós-abolição da escravidão, e nesse período que compreende o início do século XX ao ano de 1945, foram publicados 4 livros de contos e 10 romances de autores negros.

É importante afirmar que a produção literária afro-brasileira foi afetada pela implementação do Estado Novo, plano de Governo do ex-presidente Getúlio Vargas. Um exemplo de golpe duro no desenvolvimento literário dos negros no Brasil foi a dissolução, em 1937, da Frente Negra Brasileira, maior organização de negros no período com caráter nacional e de reivindicação de direitos sociais e políticos para

todos. Entre os anos de 1946 e 1978, houve a publicação de 5 livros de contos e 6 romances, o que se explica pela redução das condições de produção literária da população negra brasileira e pelo início da ditadura militar, em 1964. Além disso, foi criada a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), que analisava e liberava a circulação ou execução de obras, baseando-se nos "valores morais e bons costumes", uma espécie de eufemismo para designar qualquer discurso contrário ao regime estabelecido. O reduzido número de publicações entre 1901 e 1978 é um dos reflexos de uma política herdeira do pensamento colonial.

Para entender melhor o panorama editorial de literatura negra no Brasil, utiliza-se ainda até o momento a análise realizada por Oliveira e Rodrigues (2016) de acordo com a periodização de 1839 a 2016 de publicações autorais negras dos gêneros romance e conto. Ao observá-la, algo chama a atenção, pois, fica claro um número muito reduzido de publicações femininas em relação às masculinas. Dos 88 livros autorais de contos afro-brasileiros publicados entre 1839 e 2016, pode-se citar: *A Escrava* (1887) de Maria Firmina dos Reis; 3 obras de Conceição Evaristo: *Quizila* (1987), *Negros em contos* (1996) e *Contos Crespos* (2009); 2 de Alzira dos Santos Rufino: *Qual o quê!* (2006), e *Alzira Rufino uma ativista feminegra* (2008); 2 de Geni Guimarães: *Leite do peito* (1988) e *A cor da ternura* (1989); 2 de Mãe Stella Oxóssi: *Meu tempo é agora* (1993) e *Ososi: O caçador de alegrias* (2006); 2 De Maria Helena Vargas: *O encontro* (2000) e *As filhas das lavadeiras* (2002), ou seja, dentre 88 livros autorais de contos afro-brasileiros, 11 são femininos.

Ao analisar os dados apresentados, é possível chegar a algumas conclusões sobre a escassez de autoras negras com livros publicados no Brasil. A mulher negra, ao contrário do homem negro, enfrenta a dupla barreira da desigualdade racial e de gênero, sendo historicamente colocada na base da pirâmide social. Na literatura, ela frequentemente é retratada de acordo com estereótipos impostos pelo imaginário eurocêntrico, que a associa a papéis predeterminados, como o de objeto de sedução e beleza. Essa visão reduz a mulher a um simples objeto de prazer, desconsiderando sua subjetividade, desejos e perspectiva, e a mantém à margem da narrativa central. Dessa forma, a mulher negra permanece excluída da posição de protagonismo, repetidamente relegada à periferia da sociedade.

Introdução à trajetória feminina literária no Brasil e seus períodos percussores

Como abordado acima, o despontar inicial da literatura afro-brasileira feminina centraliza-se com o surgimento da mulher enquanto sujeito de suas próprias narrativas com o romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, porém, antes deste período é evidente que outras escritoras negras tenham tido a determinação em escrever, mas que em toda a conjuntura social do século XIX não há como suas publicações terem se firmado, visto que na época, era inalcançável que uma mulher publicasse um livro. Sendo assim, a representação da mulher negra na literatura era apresentada por meio da visão estereotipada masculina, sendo dócil, um mero objeto, ausente de qualquer vontade, além disso, era determinada pelo viés comparativo animalístico, sendo a selvagem e que deveria ser domesticada. Dentre estas concepções, em momento nenhum era compreendida como um ser humano. Conseqüentemente por essas delimitações, surgem personagens como “a rainha das mulatas” e boa de cama em *Jelu* de Gregório de Matos, “morenas ardentes” descritas por José de Alencar, as “Tietas do Agreste” e “Gabrielas” de Jorge Amado, entre outras diversas morenas e mulatas que são encaradas como instrumentos de satisfação sexual de homens brancos.

Por conseguinte, para descrever o pontapé inicial da construção feminina negra brasileira, faz-se necessário prescrever um breve percurso histórico do princípio da introdução da mulher sendo representante de sua escrita. A pesquisadora e renomada crítica da literatura, Elódia Xavier, aponta que os períodos de formação da literatura feminina brasileira obedecem a três etapas de escrita: a feminina, a feminista e a fêmea, conforme descritos inicialmente pela escritora americana Elaine Showalter em relação a literatura inglesa com a obra *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing* (1977). Neste contexto, a fase feminina, inicia-se a partir do romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, o romance tece duras críticas tanto a ideologia patriarcal, como também denuncia a aversão ao tráfico negreiro pela autora.

Seguidamente, a fase feminista ganha força a partir do momento em que o feminismo “já havia desencadeado um processo de conscientização e a narrativa de autoria feminina vai incorporar as questões polêmicas” (Xavier, 1996, p. 89). Desta forma, as mulheres rompem com os padrões tradicionais e passam a requerer a exclusão de sua imagem pré-concebida pelo gênero masculino. Um dos direitos mais significativos alcançados foi o da palavra, as autoras até então protegidas pelo anonimato, puderam manifestar sua visão de mundo. Todavia, é pertinente esclarecer

que durante esse movimento feminista estabelecido no século XX, a mulher negra é deixada à margem e não é incluída ao olhar de sensibilidade necessário à sua figura perante a sociedade, justamente por esta mobilidade na luta pelos direitos da mulher não abranger as minorias, as questões de etnia juntamente com as questões de gênero.

Por fim, como terceira fase, surge “a fase fêmea ou mulher, com uma literatura voltada para a autonomia da representação feminina” (Tofanelo, 2015, p. 3). Neste momento, as mulheres desenvolvem a autonomia de se expressarem como nunca antes, despontando sua sensibilidade direcionada à autonomia e individualidade, desprendendo-se de máscaras sociais, na busca pela identidade.

A literatura afro-feminina no Brasil diz de fato as faces da nação. A escrevivência⁵ – escrita de sobrevivência – de mulheres pretas que provém de uma descendência que possui a posição de subalternidade é a experiência histórica e real da demonstração do sofrimento de um povo. São escritos de vida que se tornam textos criativos para apontar os padrões estereotipados que fazem com que estas mulheres sejam colocadas à margem e invalidadas por não serem consideradas dignas de serem escritoras.

Literatura afro-brasileira feminina como fenômeno de transformação social

Mediante esse recorte histórico estabelecido até aqui, fica explícito que as autoras afrodescendentes foram capazes de enxergar o seu papel designante perante a sociedade, sendo mulheres para além do seu tempo. Este olhar foi capaz de transcender a visão desconfiguradora e pejorativa que aponta a posição do negro na sociedade dominante em que esteve, e ainda está, incluído, evidenciando o sofrimento de seu povo por meio da escrita. Essa escrita se apresenta como uma forma de denúncia desde o início do processo de formação da literatura brasileira, em que os negros sempre permaneceram à margem, sendo definidos como “o outro” por meio do olhar segregador da branquitude, que monopolizou a literatura com um caráter homogêneo e pacificador da nação. Tal perspectiva tenta transmitir a ideia de que os processos de formação cultural no Brasil foram construídos de maneira passiva. Diante

⁵ O conceito de “escrevivência” foi adotado e desenvolvido por Conceição Evaristo (1995) em sua dissertação de mestrado. O termo faz referência a junção três palavras, como: “escrever”, “viver”, “ser” e ao fazer essa junção, a autora busca dar sentido a escrita literária e poética, relacionando-a experiências e vivências cotidianas provenientes da luta contra o racismo, sexismo, discriminação e violência cometidas as mulheres negras ao longo da história. É a escrita sendo utilizada como ato de sobrevivência, partindo do ponto de vista do olhar dos escravizados e não características descritas pela casa-grande.

disso, os escritos de Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo que serão analisados a seguir, podem ser vistos como mecanismos que transcendem a sociedade perante o olhar crítico, recorrendo ao entendimento de suas posições em frente ao corpo social que se encontravam. Em conformidade aos apontamentos descritos pelo sociólogo australiano Stephen Castle (2002) todas estas esferas da vida humana como a econômica, política, ambiente, cultura, sociedade e as relações interpessoais, diariamente dão origem ao que conhecemos como transformações sociais de alguma maneira, fazendo com que decrépitas dicotomias sejam abandonadas e avancem novos apontamentos que direcionem a compreensão da sociedade. Destarte, entende-se o processo como:

O termo transformação social não envolve qualquer novidade intrínseca. Normalmente, implica uma noção subjacente sobre o modo como a sociedade e a cultura se transformam em resposta a fatores como o crescimento econômico, a guerra, ou convulsões políticas. Podemos ter em mente a “grande transformação” das sociedades ocidentais (Polanyi, 1944), provocada pela industrialização e pela modernização, ou alterações mais recentes associadas à descolonização, à formação do estado nação e a mudanças econômicas (Castles, 2002, p. 125).

Sendo assim, cabe observar de que forma cada uma das escritoras concentrou estas mudanças dos aspectos sociais através de sua escrevivência para tentar recompor o tecido cultural afrodescendente perdido durante a luta de sobrevivência por mulheres negras que enfrentaram caminhos árduos desde a deportação para o Brasil de seus países de origem.

Romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis

Compreendendo assim a inserção dos negros no mercado literário, em meio ao processo de construção da nação do século XIX, Maria Firmina dos Reis faz-se extremamente necessária quando tende a afirmar o que foi a relação existente entre os negros, leitura e também a escrita. O romance, mesmo que escrito em 1859, envolve a narrativa que tece seu enredo ao redor da protagonista Úrsula, moça dócil, virgem, recatada, tímida e acanhada, que passa os seus dias a cuidar da mãe acamada e parálitica, Luíza B. A jovem que desponta em uma moradia no campo, vê-se deslumbrada e apaixonada por Tancredo, cavaleiro enfermo que chega a sua morada, modesto, bondoso e de alma ávida, que ao cair do cavalo é salvo pelo escravo Túlio. O

moço é levado ao casebre em que viviam as duas mulheres, acaba apaixonando-se por Úrsula e expõe o seu amor. Diante destes fatos, em meio a declarações e seus desejos românticos, Tancredo relata o seu passado em que se fragilizou por uma decepção amorosa. O rapaz era apaixonado por Adelaide, prima de sua mãe e a quem desejou desposar. Porém, Adelaide não possuía o mesmo vigor e paixão para com Tancredo e após a morte da mãe do jovem, influenciada por ambições de ser a senhora de um homem com posses, ela casa-se com o pai do mancebo. Desiludido e com o coração fragilizado, em meio a delírios, Tancredo enxerga em Úrsula uma nova possibilidade de ser feliz.

Contudo, entre os moldes da maioria dos romances, o amor entre o casal apaixonado encontra-se ameaçado pelo irmão de sua mãe, Fernando P, que é vil, maldoso e inescrupuloso como especifica Maria Firmina dos Reis (2018), tal personagem tende a tomar a inocente mulher e sobrinha como sua esposa, trazendo grandes conflitos entre o triângulo amoroso. Todavia, este estudo não se baseia de fato na construção que norteia a vida dos personagens determinantes. Para além das ações românticas que envolvem a morte, incesto e agonias, a obra é construída como uma denúncia a sociedade patriarcal que flagelava as minorias, principalmente a figura do negro e da mulher, dando igual importância ao delatar as atrocidades cometidas pelo tráfico negreiro.

Como resultado, esta abordagem fundamenta-se na representação de Úrsula e dos demais personagens que compõem o texto, que discorrem ao redor da mentalidade conscientes à sua condição como escravos, bem como de suas raízes e cultura afrodescendentes, como por exemplo a figura de Preta Suzana. Visando assim, fazer análises discursivas que rompem com os protótipos canônicos, mantendo centralidade nas transmutações representantes do gênero feminino (detalhamento das personagens femininas) e questões étnico-raciais que não são característica dos romances do século XIX. Por esse motivo, a análise concentra-se ao Capítulo II – O Delírio e ao Capítulo IX – A Preta Susana. Constata-se o primeiro tópico de relevância deste estudo apontado por Maria Firmina Dos Reis, o tratamento da figura da mulher perante a sociedade, sendo tratadas como objetos frágeis de apreciação:

Era ela tão caridosa... tão bela... E tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos e melancólicos. Úrsula, com a timidez da corsa, vinha desempenhar à cabeceira desse leito de dores os cuidados que exigia o penoso estado do desconhecido (Reis, 2018,

p. 26).

A personagem Úrsula é construída a partir do protótipo patriarcal da mulher branca descrita pelos cânones literários uma “flor que, no arrebol da manhã, ostentando beleza e sedução” (Reis, 2018, p. 81), que divaga os seus dias à restrição de afazeres domésticos e à família, moldes estes provindos da literatura europeia e que estabelece quais os papéis as mulheres devem ocupar perante a sociedade, inclusive a maneira de portar-se. Vale salientar que esse perfil de mulher dócil é uma herança dos romances de sensibilidade europeus e na citação é visível que o narrador descreve a moça de acordo com espiritualidade romântica que tecem as protagonistas dos romances.

Como segunda figura de notoriedade a ser ponderada nesse panorama de pesquisa, menciona-se a preta Susana. Em primeiro momento, o narrador onisciente descreve a mulher através de sua relação afetiva com o escravo Túlio, para quem a personagem, a todo tempo desde que perdera a sua mãe, serviu-lhe como figura materna, único exemplo de amor que conhecia e a quem teve apoio durante sua vida árdua para desabafar do sentimento que ambos compartilham, as agonias da vida provinda da escravidão. Sendo assim, Susana é descrita como mulher compassiva, lisonjeira e de corpo magro. Estas características preliminares de sua figura, dão ao leitor o imaginário de que talvez seja descrita uma cena de afeto, carinho, gratidão e compaixão entre ambos os personagens. Contudo, do mesmo modo em que o narrador descreve os desassossegos de Túlio, Susana possui a postura ainda mais severa em denunciar as barbaridades e desgostos de sua vivência como escrava, que foi comercializada e trazida ao Brasil pelos navios negreiros, retirada de sua família e ter visto muitos “irmãos” em condições precárias e que acabaram falecendo em seus cativeiros. Essas condições inferem maior veracidade às questões políticas a serem clarificadas na obra. Logo, verifica-se o seguinte fragmento:

— Sim, para que estas lágrimas? Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade. . . Ali eu a gozei na minha mocidade! — continuou Susana com amargura. — Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah, meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a

luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade! (Reis, 2018, p. 87).

No trecho, verifica-se que Susana alcunha ao conceito de liberdade sua vida anterior à escravidão quando vivia em seu território de origem, atribuindo em sua fala o sentimento de saudosismo ao lembrar seu amor pelo marido, sua filha e infância livre. Essa face exposta torna-se ausência, pois não é vista nem nas obras, mesmo que escassas no período do século XIX, de outros afro-brasileiros. Desta forma, a personagem denuncia a diáspora em que vive, constatando que a liberdade de fato não é prescindida pela carta de alforria em um país declarado racista, mas sim, em suas terras de origem. Ao fazer uso desse aspecto em colocar uma mulher preta em foco que relata suas aflições, dando veracidade à narrativa ao incluir uso de interjeições que confirmam a dor da mulher “ah”, “oh”, Maria Firmina Dos Reis dá início ao que Duarte denomina de “[...] desconstrução do estereótipo, substituindo o apelo carnal da mulata pelo drama da escrava impedida de criar seus filhos” (Duarte, 2005, p. 7). As interrupções em meio ao discurso com o auxílio de reticência sugerem a intensidade das falas de Susana, de seu aprisionamento e o passado da mulher negra africana:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água (Reis, 2018, p. 88).

Neste momento Maria Firmina Dos Reis ao colocar Susana como sujeito de sua própria história, rompe com o discurso do subalterno que é colocado à margem e passa a discursar como o outro que se faz escutar em suas palavras, fazendo com que a escrava seja ouvida por si mesma na literatura, por meio das queixas reais do que foi a diáspora sem que os efeitos da escravidão fossem disfarçados ou amenizados. É a voz poética e política feminina que se manifesta em favor de não aceitar a exploração em que é submetida.

Desse modo, Maria Firmina traz à obra um dos mais importantes aspectos de reflexão sobre o passado histórico da colonização diante da barbaridade e o tratamento desumano que os afrodescendentes mesmo o país sendo considerado etnicamente construído em sua maioria por indivíduos pretos. *Úrsula* transforma-se então em um marco inicial de desvinculação dos parâmetros de autores que ceifam as ramificações estabelecidas pelos cânones literários que se fazem por homens brancos e condutores de uma espécie de literatura senhoril, considerada representante da leitura e da escrita no Brasil. Portanto, concordando com o que afirma Eduardo de Assis Duarte, é “o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afrodescendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro” (Duarte, 2005, p. 6). Maria Firmina dos Reis não só alavancou uma nova forma de representação da mulher preta que fala de si em suas nuances da vida, como também propiciou a reconstrução de uma identidade que há muito tempo esteve e ainda se encontra alijada do que é o seio da cultura brasileira.

Olhos D'Água, conto Maria de Conceição Evaristo

Conceição Evaristo, autora, professora e ativista dos movimentos pela luta negra. Seus contos, romances e ensaios abordam temas ligados à ancestralidade e afrobrasilidade, que têm relação com a sua própria experiência de vida, trazendo reflexões sobre discriminação racial e desigualdades de classe e de gênero. Por esse motivo criou o termo “escrevivência” para definir essa escrita ficcional dos acontecimentos comuns do cotidiano carregados de memórias pessoais e coletivas de seu povo.

Nesta análise em específico, será abordada a questão da representatividade da mulher negra no ideal contístico de Conceição Evaristo. Na obra, estão presentes mães, filhas, avós, amantes, homens e mulheres negros, todos focados em vínculos e dilemas sociais de vulnerabilidade. A autora denuncia as difíceis condições enfrentadas pela comunidade negra. A leitura do conto *Maria* mostra a relevância de se tratar de temas atuais, embora históricos, por meio da literatura e como isso pode resultar em transformações para a vida das pessoas que o leem. Maria, um nome comum e corriqueiro que representa a quantidade de sujeitos assim como a Maria da obra. O seu nome não diz respeito somente a si mesma, mas também a variadas mulheres pretas,

as “Marias” que vivem nas comunidades periféricas submetidas as inúmeras formas de invisibilidade.

A história se inicia em um ponto de ônibus e se desenvolve dentro do transporte público. Maria inicialmente se apresenta feliz, pois no dia anterior ganhara os restos da festa de sua patroa e teria o que dar de comer para seus filhos, dando ênfase as características da personagem no fragmento abaixo:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida! (Evaristo, 2016, p. 24).

Maria é a mulher preta que vive à margem da sociedade, é empregada doméstica e mãe, e sobrevive subordinada a classe dominante branca. Enquanto ela espera ônibus, o narrador revela que se a distância fosse menor, teria ido a pé, o que faz refletir sobre um possível diferente destino dos acontecimentos que virão posteriormente e também, a distância que a protagonista precisa percorrer, já que a patroa vive no centro da cidade e Maria no subúrbio.

A mulher encontra-se feliz por poder descansar durante a viagem e se questiona se os filhos iriam gostar do melão que sobrou da festa da patroa. Esse momento gera uma reflexão acerca da fome e miséria provindas das desigualdades sociais enfrentadas por milhares de pessoas no Brasil. Enquanto a patroa jogaria fora os restos e não se importa com desperdício, Maria se sente feliz por poder levá-los para casa e prover alimento para a sua família. Esse cenário demonstra contraste entre as camadas da sociedade onde a maior parte das empregadas domésticas são mulheres pretas. Ao mesmo tempo em que Maria está feliz, ela relata um corte em uma de suas mãos, trazendo um contraste entre sua dor e felicidade.

Quando o ônibus finalmente chega Maria nele ingressa, mas logo aparece a figura de um homem que a instiga, ela o reconhece e o homem se senta ao seu lado.

Para ele nenhum nome é dado, mas fica claro que Maria sente algo por ele, ele é pai de um de seus filhos. Nesta passagem, é denunciado um dos desafios enfrentados por muitas mulheres, a responsabilidade integral pela criação dos filhos e ausência da paternidade ativa. A personagem encontra o rapaz e nem sequer sente raiva ou algum outro sentimento de desgosto e sim, uma mágoa por sua história não ter sido diferente, por terem se afastado, ela se sente sozinha e ainda revela sentimentos de saudade e amor pelo homem. Sentimentos estes descritos pelo narrador como uma forma de demonstrar que para além das dificuldades cotidianas, as mulheres pretas também sofrem por amores não correspondidos e solidão ao serem trocadas, o que acontece com muita frequência:

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros encontros. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? (Evaristo, 2016, p. 24).

A condição solitária de Maria não resulta de uma escolha – mesmo não sendo desprovida de toda e qualquer agência sobre seu destino, sua vida e escolhas –, mas sim uma imposição decorrente da sua posição como mulher negra em uma sociedade marcada pelo racismo. Ela não quer estar sozinha, mas não encontra alguém para construir um relacionamento afetivo, o que a insere na categoria de mulheres pretas solitárias. A solidão da mulher preta é um fenômeno que aponta para o fato de que a experiência de solidão de mulheres pretas é diferente da solidão de mulheres brancas, pois, diferentemente das mulheres brancas, as mulheres pretas estão mais sujeitas aos reflexos do machismo intenso, esse fenômeno pode ser considerado como um reflexo da sociedade patriarcal e racista. A solidão de Maria aqui representa um fardo que ela carrega por ser uma mulher preta, pobre e periférica. Quanta coisa ela teve que lidar sozinha, a criação dos filhos, as contas de casa, seus sentimentos e emoções não validados, a dor de nem sempre poder prover alimento para os filhos, a escassez de projetos governamentais que a auxiliem. Maria é só mais um número na sociedade, invisível a maioria dos olhos de cortejo e empatia. Desta forma, a escritora baiana Raísa

Santos Xavier aponta este fenômeno solitário no artigo *A solidão da mulher negra e os reflexos na dignidade da pessoa humana* publicado pela Revista Eletrônica da OAB/RJ na Edição Especial *O Direito e as Mulheres Negras* da seguinte maneira:

Histórica e culturalmente, as características fenotípicas da mulher negra são relacionadas a padrões negativos e expressões racistas como “cabelo ruim”, “cabelo bombril”, “nariz de batata”, “beijo de nego” são naturalizadas e aceitas em diálogos de maneira habitual. Para além disso, a mulher negra também é hipersexualizada e associada ao trabalho servil, sendo ignorados completamente seus desejos sexuais e afetivos como pessoa humana [...] Diante do exposto, é inegável inferir que as relações afetivas brasileiras não são direcionadas unicamente por questão de gosto. Os desejos afetivos e sexuais são atravessados por princípios racistas construídos socialmente e, por isso, as mulheres negras são costumeiramente preteridas (Xavier, s.d, p. 17).

Outro fator a ser discutido é o fato de o homem ter um olhar assustado, não se fixando em nada ou a ninguém. Ele se senta ao lado de Maria, mas não troca olhares com ela, torna-se evidente o motivo quando o seu ex-cônjuge saca uma arma e declara que é um assalto. Esse homem inicialmente caracterizado como um homem sensível, que ama e que é gentil se transforma em um homem marginalizado, subvertendo-se a uma das lógicas humanas racistas: colocar o homem preto como violento e sem história, aqui o papel de ex-companheiro de Maria transforma-se tragicamente em um assaltante. Nesse momento, Maria que estava em um profundo momento de recordações do seu passado com o homem amado volta-se ao presente e o sentimento de saudade converte-se ao medo da vida ao pensar que:

Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros” (Evaristo, 2016, p. 25)

Maria preocupa-se agora não somente com sua vida, pois sabia que o seu ex-companheiro não lhe faria mal algum, mas com a vida de seus filhos e pelo destino destes diante às circunstâncias do mundo, onde estão à mercê da sociedade e de más influências. Ela temia que o seu filho, seguisse os passos do pai, um homem bom que foi corrompido pelas circunstâncias da vida. Após o momento do assalto, os assaltantes – o seu amado e outros comparsas – descem do ônibus e logo surge uma voz ao fundo dizendo que a pobre mulher é acusada de fazer parte do assalto.

Então, a personagem é surpreendida por acusações vindas dos passageiros que se incitam pela proximidade de Maria com um dos assaltantes e por não terem levado suas coisas. A partir deste momento, começam xingamentos ofensivos, acusações e ameaças. Tais acusações sofridas por ela refletem a relação que aquelas pessoas estabeleceram entre a sua cor e a vida criminosa, é prescindível a indagação: E se a mulher fosse branca? Teria sido relacionada ao crime? Provavelmente não. Em muitos momentos, Maria escuta ofensas nas quais a sua cor e gênero são usados como motivo de aversão, de nojo e de justificativa. Essas palavras representam o machismo, sexismo e racismo que fazem parte do cotidiano de mulheres negras, que são vistas como corporeidade passível de violência, direito garantido pelas estruturas escravocratas que deram origem ao racismo estrutural por exemplo, tratando os menos favorecidos com desrespeito como algo proeminente e natural.

Enquanto Maria tenta defender-se de maneira ríspida, pelo horror que sentia, de que não conhecia os rapazes, é ainda mais inferiorizada e sendo assim à Maria não é dado sequer o direito de se revoltar contra uma falsa acusação, e logo é chamada de "negra atrevida". No imaginário social o negro não tem o direito de se expressar, posto que é desumanizado. A condição se agrava quando a personagem além de negra, é uma mulher e nesse momento, Maria sofre a primeira agressão física, um tapa no rosto, um tapa de um homem que se sentiu no direito de agredir uma mulher sem ao menos ter provas de que a personagem de fato fazia parte do assalto, tapa este seguido do linchamento coletivo de Maria. Neste momento, o narrador descreve o final trágico da mulher o motorista tenta salvá-la reconhecendo-a e exclamando “— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! (Evaristo, 2016, p. 25-26)”. Entretanto, não houve nada mais que pudesse ser feito.

Mesmo com a explicação do motorista, em um processo de silenciamento não apenas pelo fato de ser mulher, mas de ser uma mulher preta, Maria é violentamente assassinada no ônibus. Nesse momento, o narrador traz uma reflexão de suas experiências de vida acerca da violência urbana, responsável pela morte de muitas pessoas negras, que na maioria das vezes, as razões de suas agressões não são esclarecidas, principalmente as que fundamentam a violência policial, tem como causa majoritária o preconceito racial. O feminicídio de Maria não representa somente a situação de uma pessoa linchada por suspeita de participação de um ato criminal, mas

sim um silenciamento manifestado na violência *interseccional*. O termo "interseccionalidade" foi criado pela feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw (2015) que pretendia incluir questões raciais e de classes nos debates sobre gênero, ou seja, buscar a relação existente entre gênero, classe, raça e sexualidade sendo nas situações vividas por pessoas negras, formando um ponto de intersecção. Isto posto, ainda aponta Xavier (s.d, p. 20) que "A falta de sensibilidade para entender o que a vítima está falando ou para perguntar de modo claro a essência do que foi tolerado é algo presente nas mais variadas profissões e isso é perpassado por valores ideológicos, políticos, sociais, econômicos e culturais".

Maria morreu não apenas pelos aspectos culturais, ela morreu por diversos fatores que as mulheres precisam ultrapassar, como incessantes tentativas de uma vida digna. A importância do conceito de interseccionalidade é usá-lo para compreender e agir na defesa de sujeitos marginalizados, isso quer dizer questionar os espaços que silenciam vozes de sujeitos subalternizados a fim de incluir nas pautas sociais, a identidade multifacetada da mulher preta.

O linchamento apresenta o modo em como a subalternização pode chegar ao extremo no ato da execução, nesse caso, ocasionando a morte de mulheres negras e pobres que diariamente enfrentam uma sociedade armada de intolerância e preconceito.

Considerações Finais

Buscando refletir sobre o papel da mulher negra na sociedade e as motivações e ações que levaram a subalternização desta, em relação aos demais indivíduos da sociedade - principalmente ao gênero masculino - e aos reflexos da falta de representatividade negra feminina que a muito tempo foi apagada e excluída do âmbito literário, é possível constatar que a figura e escrita destas mulheres é um importante fator para a construção da performance ideológica e cultural da sociedade, isto é, a Literatura. Por meio da análise do panorama histórico e social que transcrevem as autoras, Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo, é possível observar quais questões evidenciaram a posição das mulheres negras como subalternas e isentas de sua vontade, sendo acarretamentos ocasionados pelo racismo, discriminação, sexismo, a posição de inferioridade de gênero e principalmente, a concepção do indivíduo negro

fora dos padrões civis de entendimento como um ser humano. Vale ressaltar que estes fatores determinantes se propagam ao longo dos séculos e perpetuam ao presente.

No que se refere a essas contemplações, é pertinente conceber a escassez de editoras interessadas em publicar obras afro-femininas, reforçando ainda mais o ideal canônico branco que apenas considera aceitável culturalmente as características literárias de cunho europeu, não as representantes das matrizes brasileiras de fato. Em vista disso, durante o processo de difusão da literatura afrodescendente em geral, muitos autores buscaram caminhos independentes para suas publicações (como os quilombos editoriais) que tem extrema importância para todas as obras promovidas a conhecimento hoje que pertencem a essas redes de sociabilidade negra.

Portanto, é de conhecimento dessa pesquisa conceber que a literatura afro-feminina brasileira se evidencia como instrumento de transformação social de modo que, é capaz de denunciar a realidade patriarcal hegemônica que interfere completamente a escolhas do que é considerado cultural. Essa literatura acima de tudo, permite a transmissão de valores sociais para além da capacidade de reflexão, mas sim como a reformulação da identidade ancestral brasileira que muito tempo esteve perdida a face de sofrimentos que começaram com o tráfico negreiro no país. Neste caso, contribuindo a redução do pensamento majoritariamente disseminado por elementos ideológicos dominantes, colocando ao centro as vozes de mulheres que a muito tempo foram invisibilizadas e consideradas inaptas ao exercício da escrita. Mediante essas descrições, espera-se que esta pesquisa contribua a gerações próximas e a estudos relacionados a importância de obra literárias de autoria negra a partir do conhecimento e difusão delas, de modo a incentivar que os textos literários afro-brasileiros femininos alcancem merecido reconhecimento e por colocar em evidência o importante cerne das visões de cidadãs, mulheres e escritoras.

REFERÊNCIAS

- CASTLES, Stephen. Estudar as transformações sociais. In: SOCIOLOGIA, *Problemas e Prática*, n. 40, 2002, p. 123-148. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/spp/n40/n40a07.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2023.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253342/mod_resource/content/1/InterseccionalidadeNaDiscriminacaoDeRacaEGenero_KimberleCrenshaw.pdf. Acesso em: 28 mai. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: *LITERATURA, POLÍTICA, IDENTIDADES*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005, p. 132-145. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>. Acesso em: 15 fev. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. *ALETRIA: Revista de Estudos de Literatura*, v. 28, p. 155-170, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Poéticas negras: representações dos negros em Castro Alves e Cuti*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva; RODRIGUES, Fabiene Cristine. *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2022. v. 1, 260 p.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva; RODRIGUES, Fabiane Cristine. Panorama editorial da literatura afro-brasileira através dos gêneros romance e conto. In: *Em Tese: Belo Horizonte*, v. 22, n. 3, p. 90-107, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11269/10712>. Acesso em: 21 mai. 2023.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 2. ed. Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira: espaços e conquistas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL: FEMINISMOS, IDENTIDADES DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2015, Maringá. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2023.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. In: *Leitura – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, n. 18, 1996, Alagoas. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/revistaleitura/article/view/6825/0>. Acesso em: 18 mai. 2023.

XAVIER, Raísa Santos. A solidão da mulher negra e os reflexos na dignidade da pessoa humana. *Revista Eletrônica OAB: Edição Especial O Direito e as Mulheres Negras*, Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://revistaeletronica.oabrij.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Solid%C3%A3o-da-mulher-negra-e-os-reflexos-na-dignidade-da-pessoa-humana-convertido.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.